
O LITERÁRIO E O ONTOLÓGICO NAS FRONTEIRAS COM A “MORTE” NA OBRA *PAÍS SEM CHAPÉU*: LAFERRIÈRE E FOUCAULT

Rogério Mota

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
E-mail: rogerio.mota@yahoo.com.br

Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
E-mail: marhil@unir.br

RESUMO

Este artigo estabelece uma sondagem da relevância da relação entre o literário e o ontológico direcionados ao topos “morte” na narrativa *País sem chapéu*, de Dany Laferrière (2011), com a contribuição teórica de Michel Foucault (2006; 2009), Maurice Blanchot (1987), entre outros. Como expressivas reverberações ou transcendências destes apontamentos, a análise sobre a figura do autor é apresentada conforme seus principais aspectos como um dos elementos presentes na estrutura narrativa de Dany Laferrière.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Ontologia. Haiti. Morte. Que é o autor.

THE LITERARY AND THE ONTOLOGICAL IN THE BOUNDARIES WITH “DEATH” IN THE WORK *PAÍS SEM CHAPÉU*: LAFERRIÈRE E FOUCAULT

ABSTRACT

This article surveys the relevance of the relationship between the literary and the ontological directed to the theme of "death" in the narrative *País sem chapéu*, by Dany Laferrière (2011), with the theoretical contribution of Michel Foucault Michel Foucault (2006; 2009), Maurice Blanchot (1987), among others. As expressive reverberations or transcendences of these notes, the analysis of the author's figure is presented according to its main aspects as one of the elements present in the Dany Laferrière narrative structure.

KEYWORDS: Literature. Ontology. Haiti. Death. That is the author.

INTRODUÇÃO

[...] é justo dizer que a experiência do artista é uma experiência extática e, como esta, uma experiência de morte. Ver como se deve é essencialmente morrer, é introduzir na

vista essa volta que é o êxtase e que é a morte. O que não significa que tudo soçobre no vazio.

Maurice Blanchot, *O espaço literário*, p. 150.

Este artigo objetiva focalizar a confluência entre o estatuto da palavra, ou da literatura, conforme ela se apresenta na narrativa *País sem chapéu* e a filosofia do ser, de forma aproximativa com o topos “morte”. Para tal desiderato estaremos nos servindo das contribuições teóricas de Michel Foucault (2006; 2009), entre outros. Como decorrência das contribuições teóricas foucaultianas serão abordados alguns aspectos de sua abordagem sobre o autor. Laferrière e Foucault são apresentados aqui como que a partir de uma breve visita entre os dois de cujo teor dialógico procuramos apreender algo que nos sirva para tornar a literatura e a filosofia mais transparentes, sobretudo sob a perspectiva humana, e que se nos esclareça, um pouco mais, o que torna a literatura possível. Em todo caso, não nos move a pretensão de esgotamento do assunto. Outros caminhos, inclusive, poderiam ser tomados e nos sentiríamos satisfeitos caso esta análise pudesse servir de estímulo a outras perspectivas teóricas.

País sem chapéu é um dos livros que compõem as obras publicadas por Dany Laferrière, as quais denomina “autobiografia americana”. Laferrière é um escritor premiado no Canadá e é membro da Academia Francesa de Letras desde 2013. A tradução de *Pays sans chapeau* para o português foi feita pela professora Heloisa Caldeira Alves Moreira, em 2011. Segundo a tradutora o narrador fala do seu lugar, no seu lugar, mas consegue também ter um olhar distanciado de quem já não pertence mais.

O autor não está mais simbiótico com o seu meio, deu um passo atrás. O fato de ter vivido em culturas diferentes lhe garante o recuo. Percebe-se a intenção do autor de resgatar a história, e com ela a do seu país. [...] Ele nos apresenta um Haiti sem exotismo, aos menos não o exotismo superficial que lida com elementos que reconheceríamos rapidamente como típicos das Antilhas, tais como a música, a dança, a alegria. [...] Com a noção de opacidade de Glissant, o exotismo que Dany reserva a seu livro é a definição de uma identidade, o contorno do diverso. Ele não tem a intenção de explicar aquela realidade, só quer registrá-la. (MOREIRA, 2011, p. 231)

País sem chapéu caracteriza-se sobremaneira pela presença constante do topos morte, o qual se articula de forma variada no decorrer da narrativa sob cambiantes que fogem às regras de uma dicotomia pura e simples; há uma espécie de postura narrativa de cunho fronteiriço em

relação ao tema; a morte, os mortos e os fenômenos característicos que permitem a intermediação entre a vida e a morte, incluídos nesse bojo os sonhos e até mesmo o estado de hipnose ou de possessão que são observados no texto, ora são tratados como ocorrências comuns do cotidiano, conforme a cultura haitiana que deduzimos pelo que lemos, ora são tratados como coisas perigosas, haja vista as alusões aos zumbis, espécies de vampiros mortos vivos, entre outras referências.

Assim, o narrador se apresenta ao olhar do leitor:

Há muito tempo que espero este momento: poder sentar à minha mesa de trabalho (uma mesinha bamba debaixo de uma mangueira, no fundo do quintal) para falar do Haiti com calma, com tempo. E o que é ainda melhor: falar do Haiti, no Haiti. Eu não escrevo, falo. Escrevemos com o espírito. Falamos com o corpo. Sinto este país fisicamente. Até o calcanhar. Reconheço, aqui, cada som, cada grito, cada riso, cada silêncio” (LAFERRIÈRE, 2011, p. 11)

Essa forma de narrar nos permite depreender que a fisicalidade da vida, sob a perspectiva do narrador, não se distancia da fisicalidade da morte, seja para o bem ou para o mal, ou mesmo nos matizes que misturam um e outro. Do mesmo modo, a narrativa é apresentada de forma aberta, nela não são perceptíveis lições, não há bandeiras, não há imposições ideológicas ou intencionalidades quaisquer. Para nos valermos de uma imagem, diríamos que o estado errático próprio de uma alma “semi desligada do corpo (ou do mundo)” é estendido, narrativamente, à percepção do leitor.

O país real e o país sonhado constituem os capítulos da obra que se alternam progressivamente através de subcapítulos em estado de pequenos fragmentos, como ossos numa urna cujas ligações imediatas a gente não consegue concatenar para montar um esqueleto inteiro, de forma inteligível, concreta e rápida, o que não nos impede de presumir o de que se trata a ossada em seu conjunto: um amontado de construção de sentidos cujo trabalho é dado à arte dos olhos de quem lê. De quem dá vida à narrativa.

O Haiti narrado na obra tem inaugurada a alusão à morte em seu aspecto mais fundamental em suas referências de sentido, ou seja, o elemento morte é trazido para junto da família e da descendência, conforme suas peculiaridades socioculturais. Deslinda-nos o narrador as referências iniciais ao topos:

Trazem-me uma xícara de café bem quente. Eu me preparo para tomar o primeiro gole.

— Esqueceu o costume, Velhos Ossos? (pergunta sua mãe)

Deve-se oferecer primeiro aos mortos. Aqui, servimos os mortos antes dos vivos. São nossos antepassados. *Qualquer morto torna-se subitamente antepassado de todos os que continuam a respirar. O morto troca imediatamente de modo de tempo. Ele deixa o presente para alcançar ao mesmo tempo passado e futuro. Onde você vive agora? Na eternidade. Lugar bacana! Viro e mexo a xícara de café no chão nomeando os meus mortos em voz alta.*” [grifos nossos] (LAFERRIÈRE, 2011, p. 32).

Logo a seguir (p. 33) uma referência sequente à proximidade e a relação afetiva com os mortos entre os haitianos, conforme a narrativa: “Bem ao pé do morro Nelhio, o cemitério de Porto Príncipe, como uma porção de *diamantes brutos* [grifos nossos].

É o ponto de encontro de todos”.

Noutro extremo, a narrativa alude à morte em seu aspecto preocupante:

Uma sombra passa lentamente pelo rosto de minha mãe. Vejo sua mão se fechar rapidamente sobre o pedaço de tecido que ela não para de amarrotar.

Cetim azul. Azul de Maria.

— O exército dos zumbis – murmura, finalmente. São dezenas de milhares. Os sacerdotes vodou vasculharam o país de norte a sul, de leste a oeste. Vasculharam todos os cemitérios do país. Despertaram todos os mortos que dormiam o sono dos justos. Em toda parte — minha mãe abre os braços amplamente e aponta em todas as direções. — No Borgne, em Port-Margot, Dondon, Jérémie, Cayes, Limonade, Petit-Trou, Baradères, Jean-Rabel, Petit Coâve, sim, Petit-Goâve também... Foram procurar mortos até mesmo no pico Brigand, no maciço do norte. (LAFERRIÈRE, 2011, p. 42).

A narrativa em torno dos mortos (zumbis) toma, inclusive, aspectos de um realismo fantástico que se abre como um painel temático plural que remete ao problema da fome no Haiti, às intervenções internacionais, entre outros temas, abrindo espaços aos efeitos de sentido pertinentes à imagem que do Haiti o leitor possa fazer.

Laferrrière trata sobre o topos morte de forma literária, conforme articula os elementos narrativos no decorrer do texto, tanto que na sua estruturação espacial, quando analisada de

forma comparativa, entre o início e o fim da obra, percebemos de início referências sobre a fisicalidade de sua geografia¹ na forma como se nos apresenta o Haiti “real” pela voz do narrador (vide transcrição acima: LAFERRIÈRE, 2011, p. 11); já no final da narrativa percebemos uma alusão direta a uma viagem do narrador ao “país sem chapéu”, em outras palavras, uma sondagem do narrador Velhos Ossos ao mundo dos mortos e dos deuses do panteão vodú. De igual maneira, a constância do elemento “morte” na narrativa torna-se um ingrediente enriquecedor das imagens com que o leitor lida a cada passo. E muito dessas imagens dizem respeito à emergência filosófica do tema para cuja análise nos serviremos de algumas considerações teóricas de Michel Foucault que trata dessa confluência entre o literário e o filosófico.

A “MORTE” ENTREMUNDOS: LITERATURA E FILOSOFIA

Só na morte me darei conta do progresso moral que pude fazer no decurso de minha vida. Espero o dia em que serei juiz de mim mesmo e saberei se minha virtude está nos lábios ou no coração [...]. Só quando perderes tua vida é que veremos se tudo não passou de trabalho perdido.

Sénèque, *Lettres à Lucilius*, t. I, livro III, carta 26, 5-6 (p. 116).

O narrador de *País sem chapéu* é tratado, não por coincidência, pela alcunha de Velhos Ossos; além do mais, reveste-se com o sugestivo título duma “autobiografia americana”, uma encarnação, pelos veios da narrativa, do próprio autor Dany Laferrière, um exilado, vítima da diáspora, um filho pródigo retornado às saias da mãe biológica e da mãe ancestral África. Assim, o Haiti se refunda, paulatinamente, sob o nosso olhar pelo canal duma narrativa em primeira pessoa, por intermédio de uma história contada “por quem a viveu na carne e na alma”: o cheiro, a gente, as lembranças e o estado deplorável atual da primeira república preta das Américas são apresentados como que em um inesperado flagrante, com a aura da morte preenchendo todos os poros. A permissividade vodunista haitiana em relação à morte e aos mortos, concomitantemente com os contrastes, as dificuldades e as contradições socioculturais,

¹ O estatuto literário permite-nos deduzir que o Haiti, em sua geografia física, remete ao Haiti em sua geografia espiritual e vice e versa.

endógenos e exógenos à ilha se nos apresentam num caleidoscópio fantástico que extrapola os limites duma simples “história”. A narrativa laferriana, de certa maneira, toca a filosofia, tangenciando-a com o topos “morte”, sob cujo exercício meditativo, conforme as considerações de Michel Foucault (2006, p. 581) “permite adotar uma espécie de visão do alto e instantânea sobre o presente, operar pelo pensamento um corte na duração da vida, no fluxo das atividades, na corrente das representações”.

A habilidade estruturante, a braços com o topos morte, contradiz a narrativa de Dany Laferrière na obra *País sem chapéu*, com sua gênese pluriconotativa, que não escolhe lados específicos com que lidar com as ideias, mas que se basta ao sabor da corrente, dialoga com a filosofia e desvenda, em certa medida, o que torna a literatura possível. Igualmente, o pensamento sobre a morte, consoante a pena de Laferrière (pela voz do narrador, Velhos Ossos) pode, sob o viés filosófico, ligar-se ao pensamento sobre a morte segundo Foucault

[...] o pensamento sobre a morte é tão-somente um meio quer para adotar sobre a vida um olhar que opera um corte permitindo apreender o valor do presente, quer para realizar o grande circuito da memorização pelo qual totalizaremos toda a nossa vida e a faremos aparecer como ela é (FOUCAULT, 2006, p. 582).

Laferrière, a nosso ver, corta algumas linhas demarcatórias costumeiramente utilizadas no *modus pensantes* hodierno na forma de representar o mundo em torno. Nesse sentido, através de sua narrativa, o Haiti é sinceramente pensado e refletido; no entanto, tal teor intelectual representado na narrativa ultrapassa as fronteiras do país e da sua gente e se expande em busca duma comunidade de ideias que, se por um lado toca no utópico e inimaginável, por outro, nos faz repensar os fundamentos originais do que nos qualifica como humanos. Isso faz da narrativa e da obra em si, universal.

Por outro lado, a partir da apreensão dos inquietos cambiantes inerentes ao tráfego de sentidos entre autor e personagem, podemos igualmente estabelecer algumas análises sobre a mescla ontológica/literária embutida na narrativa.

AUTOR E PERSONAGEM: ENTRE FOCOS, ESPELHOS, MORTES E RENASCIMENTOS

A linguagem, sobre a linha da morte, se reflete: ela encontra nela um espelho: e para deter essa morte que vai detê-la não há senão um poder: o de fazer nascer em si mesma sua própria imagem em um jogo de espelhos que não tem limites.

M. Foucault. *Ditos e escritos, a linguagem ao infinito*, p. 48.

Na representação do protagonista Velhos Ossos no percurso narrativo na obra *País sem chapéu* presenciamos, vez por outra, mesclagens habilmente tecidas entre o real e o ficcional que dão o tônus de verossimilhança próprio do caráter “autobiográfico” empregado pelo autor na obra — um artifício narrativo que cumpre sua função de forma eficiente: Dany Laferrière e Velhos Ossos misturam-se na leitura, e o Haiti, pincelado pela narrativa, vai ganhando vida por meio dos espelhos da linguagem.

Eis como a mãe de Velhos Ossos explica ao filho o porquê dos elogios que ele escuta de um conhecido dela e como esse conhecido vê Velhos Ossos:

— O senhor Pierre vê você frequentemente na televisão. Ele gosta muito de você. Cada vez que o vê, fala comigo sobre isso durante dias.

— Realmente o senhor nos honra...Que cultura! (LAFERRIÈRE, 2011, p. 88).

Em outro ponto da narrativa encontramos referências aos anos em que Velhos Ossos passou longe de casa, uma contraparte vivida pelo próprio autor, articulada narrativamente a benefício da verossimilhança e da vivacidade literária:

Por que me comporto como um rapaz de vinte anos na presença dos amigos de minha mãe? Sempre se é criança ao lado de sua mãe, principalmente se ela não te viu nos últimos vinte anos. Os anos de ausência não contam (LAFERRIÈRE, 2011, p. 105).

A referência sobre os vinte anos de ausência do personagem (e do autor) é retomada logo a seguir num diálogo com Philippe, um amigo de infância de Velhos Ossos:

[...] — Ah! você veio fazer um livro. Melhor assim. Menos perigoso. Digo isso porque não quero perder você. É isso que acontece com todos os que voltam depois de vinte anos para mudar as coisas, como se as coisas tivessem que mudar só quando eles pensam nelas. Parece que olham o relógio e dizem: "Olha, está na hora de voltar para mudar as coisas". As coisas somos nós. Os

que ficaram. Os que não deixaram o país quando ele ia mal...”
(LAFERRIÈRE, 2011, p. 137).

O tom prosaico do diálogo entre Velhos Ossos e seu amigo Philippe, bem como outras passagens do livro, vão compondo essa verossimilhança interna da narrativa, de forma que se conecta com os capítulos do país sonhado, que tem a faceta inverossímil. A dualidade entre uma espécie de dois “mundos” que compõem a narrativa – um verossímil e o outro inverossímil –, tão antagônicos, são tão bem conectados, que acabam compondo um cenário de complementaridade tamanha, que o “mundo” do país sonhado acaba recebendo um tom de plausibilidade. É como se o país sonhado fosse “real”, fosse verossímil, plausível, como o “país real”.

O QUE É DANY LAFERRIÈRE EM RELAÇÃO À SUA NARRATIVA *EM PAÍS SEM CHAPÉU*?

Da ambivalência implícita no jogo de sentidos entre autor e protagonista na obra, para efeito de análise, destacamos a figura do autor.

Conforme Foucault (2009, p. 267, 268 e 269):

[...] a noção do autor constitui o momento crucial da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia, e das ciências [...] Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer. [...]... é preciso que ele (o autor) faça o papel do morto no jogo da escrita. Tudo isso é conhecido; faz bastante tempo que a crítica e a filosofia constataram esse desaparecimento ou morte do autor.

A escrita laferriana, em resumo, encarna em si a extensão do próprio país sem chapéu referido como título da obra. O autor, a pessoa de carne e osso, com CPF, CEP etc. “morre” enquanto escreve, o que não significa, conforme a transcrição de Maurice Blanchot registrada

acima, um soçobro total. Sendo assim, na obra, há morte como conotações diversas relacionadas a uma cultura, neste caso, a haitiana, e há morte como processo de escrita e de expressão. Em todo caso, sobressai-se ao apagamento ou morte do autor, conforme a abordagem de M. Foucault certas instaurações discursivas no interior de uma sociedade e de uma cultura, respeitantes aos mecanismos de uma dada “transdiscussividade” (FOUCAULT, 2009, p. 280).

A análise foucaultiana sobre o autor prossegue em seus desdobramentos (FOUCAULT, 2006, p. 274): "O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser". O analista francês propõe, assim, uma abordagem não-pessoal em torno da figura do autor; Foucault (2009) sugere a expressão “função autor” como uma alternativa teoria que pretende dar melhor conta da complexidade autoral sob o viés da criação literária. A função autor, conforme a abordagem foucaultiana estaria localizada na cisão, na divisão e na distância entre aquele que escreve e o locutor fictício; estaria, enfim, nas fronteiras de uma “morte” sem a qual a literatura não seria possível.

Podemos, assim, vislumbrá-la, no caso específico da narrativa objeto dessa pesquisa, no papel exercido pela pena transdiscursiva do “sismógrafo haitiano”, superficialmente referenciado como Dany Laferrière, que se entrega, de forma voluntária, a uma “morte nas palavras”, da qual nascem significados que se multiplicam nos infinitos reflexos da linguagem.

Assim, literatura e filosofia dão-se as mãos no seu trajeto pelos umbrais da “morte”. O sentido se prolifera. A noção tradicional de autoria se subverte e alguns aspectos dos porquês da possibilidade da literatura transparecem no destaque do *sentido humano* expresso na narrativa, independentemente de bandeiras e livre de antolhos e restrições de toda ordem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa análise se propôs a promover um diálogo entre o literário e o ontológico por meio da obra *País sem chapéu* de Laferrière e os escritos de Foucault. Como resultado, vemos que, por meio da “função autor”, a narrativa laferriana faz emergir a temática da morte, sobretudo no “país sonhado”. Assim, o fio condutor dos capítulos do país sonhado é a morte. Na fala das

peçoas, por exemplo, conforme já mostramos estão as peçoas que já morreram. Mas a morte não é mostrada de forma negativa ou má, pelo contrário, aparece de forma positiva, está ligada à vida.

Vimos, além do mais, que a literatura se torna possível (conforme a óptica blanchotiana) nessa ancoragem ao *país sem chapéu*, provocativo arremedo dos cheiros, das formas, do dia a dia do ilhéu preto caribenho, enfim desse Haiti engessado nos clichês comuns *aos de fora* graças à extensão do teor de humanidade proposto na obra, que se reverbera mundo afora, *mundos adentro* de qualquer peçoas. O leitor encarna o próprio Velhos Ossos, como um boneco vodu aos caprichos do plano narrativo e suas espetadas mortais, que oferecem vida pela senda através do país da “morte”.

Laferrière na obra *País sem chapéu*, sob a atribuição funcional proposta por Foucault, a nosso ver, parece *estar cumprindo* bem o papel de tornar as fronteiras humanas mais transparentes, no que tem de sombrio e de promissor. Há, na obra, todo um sistema ontológico capilarizado pelo tónus da literatura capazes de reacender a todo instante a abertura de olhos em meio aos desafios da *neblina* em torno.

Em todo caso, e para encerrarmos nossas considerações, pareceu-nos um diálogo profícuo o que propomos neste artigo – a aliança entre a ontologia e a literatura –, especialmente por colocarmos mais um ingrediente nas discussões em torno das obras de Dany Laferrière. Outrossim, não concluímos tão simplesmente que a literatura nos é possível, porém, mais do que isso, concluímos que ela nos é essencial, por não conhecer fronteiras ao nosso senso de humanidade. Por fim, sabemos que esta obra analisada não se esgota nesta análise, pois trata-se de um texto aberto, com várias possibilidades de análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. Trad. Marcos A. G. Domingues. Editora Artes Médicas Sul Ltda.: Porto Alegre, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **A dinâmica do inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.



FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos e Escritos III. 2. ed. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. Trad. Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LAFERRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**. Trad. Heloisa Moreira. São Paulo: Editora 34, 2011.

MOREIRA, Heloisa. O imaginário, os espaços, as línguas. In. LAFERRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**. Trad. Heloisa Moreira. São Paulo: Editora 34, 2011.